**Licenciado sob uma Licença Creative Commons**

# O MAL ESTAR DO SER COMO DESAFIO À ÉTICA E À TEOLOGIA

*The Malaise of the Self as Challenge to Etichs and Theology*

Ocir de Paula Andreata
Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Teologia na PUCPR,
Professor na FEPAR.
e-mail: ocirandreata@gmail.com

**RESUMO**: O *problema do mal* se apresenta como um grande desafio ao saber humano, principalmente às chamadas ciências do espirito, dada a abrangência de sua manifestação nas diversas dimensões da vida, na complexidade de sua compreensão e nas ameaças ao cuidado do ser. O ser humano está diretamente implicado na questão do mal por ter consciência de si e do outro, por ser capaz de livre escolha e por possuir responsabilidade moral. A busca de compreensão do que seja o mal vem desde a Antiguidade com pensadores da filosofia, teologia e ciência, que em suas obras discutem a questão nas suas dimensões ontológica, metafísica e pragmática. Há outros desdobramentos ainda maiores para a questão do mal, não apenas do mal na Natureza (*Phýsis*), mas também na natureza específica do humano (*antrópos*), uma vez que este possui consciência e é por essa que consegue discernir entre bem e mal. O *objetivo* deste trabalho visa refletir de forma filosófico-teológica sobre o mal como desafio ao cuidado do ser, a partir de pensadores da Antiguidade e da Modernidade. Para o *estudo* da questão do mal se optou pela análise qualitativa bibliográfica de textos clássicos do pensamento ocidental. Como *resultados*, espera-se poder apontar reflexivamente para as implicações éticas que envolvem o humano como possível causador e responsável pela ação do mal, quanto ao cuidado do ser, quer do ser da natureza, do ser de si ou do ser do outro, em atitudes de diálogo e respeito às pessoas e culturas. A efetividade da presença do mal no mundo manifesta em todas as formas do descuido, faz-nos pensar no apelo final da oração universal cristã: "Livra-nos do mal" (Mateus, 6,13). Mas, sabemos que o tema do mal não pode jamais ser esgotado, pois ultrapassa a própria capacidade humana na sua total compreensão, uma vez que somos parte de sua realidade.

**Palavras chave**: Mal. Ética. Responsabilidade. Cuidado.

**ABSTRACT**: The problem of evil is presented as a major challenge to human knowledge, especially the so-called spirit of science, given the scope of its manifestation in the various dimensions of life, the complexity of their understanding and threats to the care of the self. The human being is directly involved in the question of evil by being aware of oneself and the other, to be able to free choice and have moral responsibility. The search for understanding of what is evil comes from antiquity with thinkers of philosophy, theology and science that in his works discuss the issue in its ontological dimensions, metaphysics and pragmatic. There are other even greater consequences for the question of evil, not only evil in nature (physis), but also on the specific nature of the human (Anthropos), since this has consciousness and is for that can discern between good and evil. This paper aims to reflect philosophical-theological way over evil as a challenge to the care of being, from thinkers of antiquity and modernity. For evil issue of study we opted for bibliographic qualitative analysis of classic texts of Western thought. As a result, we expect to be able to point reflexively to the ethical implications involving human as possible cause and responsible for the evil action, as the care is either the being of nature, be yourself or be another in dialog attitudes and respect for people and cultures. The effectiveness of the presence of evil in the world manifests in all forms of neglect, makes us think of the final appeal of the universal Christian prayer: "Deliver us from evil" (Matthew 6:13). But we know that the theme of evil can never be exhausted because it exceeds the human capacity to its fullest understanding, since we are part of your reality.

**Keywords**: Evil. Ethics. Responsibility. Care.

**Introdução**

O problema do mal é o grande desafio ao saber humano, pois diz respeito à universalidade da ontologia, ou seja, implica-se nos diversos modos do ser no mundo. O problema pode também ser visto através do *descuido* como problema atual generalizado e do *cuidado* como o desafio, principalmente às chamadas ciências do espírito, em prol da qualidade da existência do ser. O cuidado torna-se a tarefa emergente porque o descuido se banaliza, tanto para com a natureza como substância viva, quanto aos seus seres vivos, e à humanidade como mundo do ser. Por trás de todo o problema do descuido há o mistério da existência e da ação do *mal* e suas manifestações como *mal-estar* no mundo, que nunca cessa, mas que se modifica e aumenta como presença.

O *mal-estar*, como uma manifestação de angústia generalizada na existência, é o sintoma mais comum do mal. Certamente está por trás de todos os sintomas psicossomáticos, que só aumentam quanto mais a pós-modernidade se liquefaz em suas configurações psicológicas, políticas, sociais e culturais. Quanto ao cuidado do ser, tem-se também a impressão de que as poucas atitudes, não mais preventivas, mas apenas corretivas, vêm somente a reboque dos sintomas.

Jesus, na bela oração universal do *Pai-Nosso* evoca a Deus para que "Não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do Mal" (Mateus, 6.13).[1] Refere-se ao "Mal" (*toû poneroû*) como algo capaz de nos "levar para, arrastar para dentro dela", uma força maligna que gera o mal, um mal presente no mundo. De alguma forma, o problema do mal também está implicado na ética de todas as tradições religiosas que a antropologia constata na história humana. Assim a abordagem teológica é precedente às demais.

Mas também o pensamento racional, desde os primórdios, aborda a questão do mal, em especial sob a instrumentalidade de Santo Agostinho, onde o problema se lhe torna em desafio à busca de uma teoria teológico-filosófica sobre o mal. Enfim, tentaremos apontar para uma discussão sobre as implicações da ação do mal para o cuidado do ser, acreditando que a vida está na potencialidade da alma do ser. Portanto, cuidar da vida é cuidar do ser, em todas as suas formas de manifestação no mundo.

[1] Na Bíblia de Jerusalém: "E não nos exponhas à tentação, mas livra-nos do maligno" (Mt 6.13); na Bíblia Sagrada da CNBB: "E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do Maligno" (idem). Ainda que aja no texto conotação personalista ao *ponerós* como Maligno, traduzimos por "Mal" considerando a visão agostiniana do *mal metafísico* como *agente* no cosmos e do *mal moral* no humano.

## 1. O problema do mal como desafio às ciências

*"Eis que o homem tornou-se como um de nós, capaz de conhecer o bem e o mal" (Gênesis 3.22).*

A *realidade do mal* recentemente veio à tona numa revista semanal de edição nacional[2] que discutia em artigo de capa o impacto da imagem de uma criança encontrada morta numa praia em Bodrum na Turquia, pelo descuido para com os seres da população síria. Todavia, nem sempre o tema é suficientemente debatido pela população em geral a não ser quando reportagens assim impactam a opinião pública, validando a discussão ainda que com textos de caráter jornalísticos.

O impacto causado pela face do mal quando contemplado no real, como neste caso globalmente mostrado pelas mídias, quer pelo aspecto do cometimento (mal infligido) ou do sofrimento (mal sofrido), apesar de sua banalidade, ainda é o espanto que nos choca, nos acomete do *páthos* existencial e nos faz refletir.

A questão do mal deve nos inquietar. Na primeira edição da referida revista citada (edição 2055, p. 89-98) o artigo *"Quando o mal triunfa"* fazia uma revisão do tema do mal por citações variadas de filosofia, psicologia, religião e história, mas motivada pelo fato trágico do assassinato da menina Isabela Nardoni, em São Paulo. Na edição da revista (edição 2442, p.69-75), sob o impacto da imagem trágica do menino sírio Aylan Shenu caído na beira de uma praia na Turquia, a reportagem trata apenas de expor estatísticas da realidade do mal na atualidade global do mundo. Porém no seu editorial (p.12) coloca o fato em exame como objeto da reflexão evocando a célebre interrogação de Agostinho de Hipona (354-430) sobre a origem do mal *Unde malum*, ou, "Donde, pois, vem o mal?" (AGOSTINHO, 1973,p.133). Aqui, o texto apenas coloca o tema sob o enfoque necessário da liberdade e responsabilidade humana, primeiro sob a tese do "mal moral" em Agostinho; depois, citando o Prêmio Nobel de Literatura de 1980 o polonês Czeslaw Milosz, e sua declaração de que na natureza apenas o homem possui a condição de distinguir as categorias de bem e mal. Parece que é isto mesmo o que a arquetípica narrativa da *queda* no Gênesis quer dizer: o resultado imediato do nascimento da consciência foi a capacidade de *distinção* e de *percepção* de bem e mal no mundo.

[2] Revista Veja, edição 2442 – ano 48 – nº 36, de 09/09/2015, cuja capa traz junto à imagem do menino Aylan na praia frases de Santo Agostinho e do Nobel de literatura Czeslaw Milosz; também a Veja –edição 2055 - ano 41 – nº 14, de 09/04/2008, com o título *Mal: uma investigação filosófica, psicológica, religiosa e histórica sobre as origens da perversidade humana*. A apresentação pública aguça a discussão do tema.

### 1.1. Desafio às ciências naturais

Com respeito ao *mal na natureza,* é quase inevitável a nós seres "afetados de afetos" sentirmos pena do antílope correndo pelas estepes do parque da África fugindo da implacável perseguição da onça. Mas não podemos classificar tal "necessidade" natural de sobrevivência na cadeia alimentar de mal, no sentido daquele sofrimento que nos incomoda, nem que o animal "sofre" a morte iminente como mal-estar como a nós humanos, pois que sua "consciência" absolutamente sensorial está presa num sistema integrado ao todo de seu próprio mundo (*Umwelt*).[3] Portanto, o problema continua sendo da própria percepção humana.

Refletindo em *O enigma do mal*, o teólogo inglês John W. Wenham (1989), após fazer boa apresentação do tema pelo contexto bíblico-teológico, aborda o tema em artigo adicional *O mal no mundo da natureza*, onde cita excertos de textos dos principais naturalistas pesquisadores e defensores da teoria da evolução sobre a questão do mal natural. De modo geral corrobora a percepção de que o que as manifestações do que se pode chamar de "mal na natureza" é ainda parte essencial da luta pela vida em termos de *sobrevivência*, *defesa* e *procriação*.

> Agora que a guerra da natureza é melhor conhecida, muitos escritores têm cogitado que essa guerra apresente uma dose tão grande de crueldade e dor a ponto de revoltar nossos instintos humanos... Até mesmo um escritor ponderado como o professor Huxley adota idéias semelhantes... Penso que existem boas razões para crer que esse é um grande exagero; que os supostos "tormentos" e "sofrimentos" são quase inexistentes, sendo na verdade o reflexo de sensações que homens e mulheres refinados pela educação imaginaram em circunstâncias semelhantes; e que a dose de sofrimento real provocado pela luta pela sobrevivência entre os animais é bem insignificante. (WALLACE, apud WENHAM, 1989, p.200).

Como A. R. Wallace, colega de Charles Darwin na elaboração da teoria da evolução, também o biólogo V. Barchay, citado pelo mesmo autor, cita exemplos dos peixes no mundo marinho para afirmar que por falta de consciência da morte os animais o sofrimento dos animais mesmo em mortes violentas é apenas sensorial e breve:

[3] O conceito de "mundo próprio" como um sistema circundante ao indivíduo ligado à natureza (*Umwelt*) forma com o ambiente de seu habitat um entorno uno como um "corpo vivo" foi proposto pelo biólogo Goldsmith e tomado por Maurice Merleau-Ponty em sua reflexão sobre a *Estrutura do Comportamento* (2006) e sobre a *Natureza* (2006), ambos textos publicados por Martins Fontes, SP.

"Àqueles que se tornam sentimentais por causa da crueldade universal da natureza, a cena teria sido uma lição convincente (um peixe-boi se alimentando de arenques). (...) A insensibilidade da natureza não é algo necessariamente cruel" (Idem, p.2003).

Também o conhecido cientista biólogo Konrad Lorenz em *A agressão: uma história natural do mal* (1979) refletiu sobre a luta por sobrevivência, territorialidade e procriação nos animais, principalmente em pesquisas sobre peixes e vida marinha, corroborando a tese dos naturalistas da "luta" não como mal em si, mas parte do "espetáculo da natureza" vivida mais como intensidade de vida do que medo da morte.

Lorenz (1979) observou que havia uma luta dos peixes entre seus congêneres de mesma espécie, mas não para destruição senão como ameaça de competição do mais forte pelo domínio do grupo na territorialidade. Cores berrantes, modificações de listras e agilidade são usados como defesa, "Mas nunca observei que esta ameaça, impressionante e mútua, tenha dado em qualquer luta séria" (p.19).

Também as modificações decorrentes de processos contínuos e automáticos são devidos à *seleção* e *mutação* pelas adaptações necessárias às condições de territorialidade, mudanças climáticas, intrusões de estranhos no ambiente, escassez de alimentos, etc: "Desde que Charles Darwin nos fez conhecer a transformação histórica do mundo vivo e até algumas das suas causas, a pergunta "porquê" tem para nós um sentido muito claro: sabemos que é a função que modifica a forma, já que o melhor é sempre inimigo do bom" (Idem, p.25).

Na observação dos comportamentos na natureza, Lorenz se pergunta *"Para que é que o mal é bom?"*, e sua resposta é para provocar a *criatividade*: "O que faz desaparecer uma espécie na sua forma atual ou o que a transforma noutra é a "invenção" vantajosa que, no eterno mecanismo das modificações hereditárias, favorece por acaso um ou vários indivíduos" (p.37).

> Então, porque é que os seres vivos lutam uns contra os outros? Na natureza, a guerra está omnipresente. Os comportamentos e as armas ofensivas ou defensivas postas ao seu serviço atingiram tal perfeição que parece natural atribuí-las à pressão da seleção natural, agindo no interesse da espécie. (...) Posso afirmar com conhecimento de causa que tal coisa (uma luta sangrenta) nunca sucede em condições naturais. Que interesse poderia ter qualquer desses animais em destruir o outro? Nenhum deles intervém nos interesses vitais dos outros. (1979, p.37).

Portanto, verifica-se que comportamentos agressivos que decorrem da proteção à prole ou ao grupo, da busca de comida para a sobrevivência ou de modificações para a adaptação ou acasalamento, mostra a inexorabilidade da força da *espécie* (*eidós*) para sua perpetuação provocando pelo ato criativo inconsciente a própria arte na natureza.

**1.2. Desafio às ciências do espírito.**

Uma das percepções mais bem articuladas sobre o problema do mal é o conceito de *banalização do mal* elaborado por Hanna Arendt (2010), quando de sua observação acompanhando o célebre julgamento do nazista Adolf Eichmann, onde destaca que o diferencial naquele julgamento publico que lhe chamou a atenção: "O que me deixou aturdida foi que a conspícua superficialidade do agente tornava impossível rastear o mal incontestável de seus atos, em suas raízes ou em seus motivos, em níveis mais profundos"; quer dizer, o réu convictamente apenas agia por ordem e não pensava no que fazia, assim "Eichmann se distinguia do comum dos homens unicamente porque ele, como ficava evidente, nunca havia tomado conhecimento de tal exigência (pensar a ação)" (p.18).

> Os atos eram monstruosos, mas o agente – ao menos aquele que estava em julgamento – era bastante comum, banal, e não demoníaco ou monstruoso. Nele não se encontrava sinal de firmes convicções ideológicas ou de motivações especificamente más, e a única característica notória que se podia perceber tanto em seu comportamento anterior quanto durante o próprio julgamento e o sumário de culpa que o antecedeu era algo de inteiramente negativo: não era estupidez, mas *irreflexão*. (2010, p.18).

Após as atrocidades cometidas nas duas Grandes Guerras por povos brilhantes em desenvolvimento intelectual, cultural e social, como os europeus, o problema do mal como presença no cotidiano da vida no mundo assustou tanto por sua face cruel como pela "comunização" de sua execução como atividade normal, com a ausência da "exigência de atenção do pensamento", da reflexão mínima sobre o agir humano.

> A ausência de pensamento com que me defrontei não provinha nem do esquecimento de boas maneiras e bons hábitos, nem da estupidez, no sentido da inabilidade para compreender – nem mesmo no sentido de "insanidade moral", pois ela era igualmente notória nos casos que nada tinham a ver com as assim chamadas decisões éticas ou os assuntos de consciência (Idem, p.19).

A face mais cruel do mal, cometido e sofrido, é sua banalidade cotidiana, mesmo em face do aumento de condições socioeconômicas, democráticas, de conhecimentos e de recursos técnicos capazes de nos fazer ver as ações do mal em tempo real.

Todavia, contemplando-se a natureza, apesar dos grandes cataclismos, das tragédias naturais e da voracidade animal, nada se mostra como um "mal em si", senão apenas como modo natural de vida perfeitamente integrado ao cosmos da natureza. Portanto, a reflexão sobre a questão do mal deve mesmo se voltar para o ser humano.

Paul Ricoeur (1988), na abertura dos trabalhos acadêmicos da Faculdade de Teologia da Universidade de Lausanne em 1985, proferiu o discurso *O Mal: um desafio à filosofia e à teologia*, que sintetizava anos de estudos sobre este seu tema de pesquisa.

Como fenomenólogo, Ricoeur aborda primeiro a questão do ponto de vista da *experiência do mal* entre duas representações possíveis: a *repreensão* e a *lamentação*. Depois, os *níveis de discurso* que se organizou ao longo da história, desde o conhecimento mítico até pensamento especulativo moderno. Por fim, coloca o problema sob o enfoque do pensamento, do sentimento e da ação.

A grande questão que a experiência do mal abre, como verdadeiro desafio à filosofia e à teologia, é de explicar e superar a contradição entre a existência de Deus e a existência do mal, que envolve questionamentos de verdades fundamentais das concepções de Deus, como onipotente e absolutamente bom, mas permissivo ao mal.

Ricoeur coloca a questão partir desta preposição: "Deus é todo poderoso; Deus é absolutamente bom. Contudo, o mal existe" (1988, p.21). Em cada ponto de vista a abordagem da reflexão humana ao objeto se mostra limitada.

As narrativas míticas apontavam o aspecto da origem do mal através de encenações de motivo cósmico, sempre sob o argumento da retribuição. A teologia aborda o problema como mal moral, reforçando a atitude ética da redenção-reparação. A conhecida solução agostiniana nega substancialidade ao mal e o toma como privação do bem. Na contemporaneidade, Karl Barth propõe aceitar a questão do mistério da origem como uma aporia e apresenta o mal como substancialidade de um "nada opositor a Deus", cujo poder corrompe na conduta humana. Para a filosofia a questão é da liberdade e da responsabilidade moral, pois a livre escolha exige a boa ação, mediada pela razão. Às abordagens, resta sempre o problema do mal injustamente sofrido, da

inclinação inexorável ao mal e da intencionalidade pela escolha do mal.

Por fim, o desafio do mal toca no cerne do pensar, do agir e do sentir humano: "Concluindo, queria sublinhar que o problema do mal não é somente um problema especulativo: exige a convergência entre pensamento, ação (no sentido moral e político) e uma transformação espiritual de sentimentos". (Idem, p.47).

O problema do mal foi a grande questão de toda a reflexão filosófica e teológica inicial de Santo Agostinho. Nas *Confissões,* do mesmo modo como Paulo aborda a questão subjetiva do mal em Romanos 7, Agostinho começa sua reflexão identificando em sua natureza interior da vontade a *intenção do mal* como tendência para a ação perversa: "Esforçava-me por entender (a questão) – que ouvia declarar – acerca de o livre-arbítrio da vontade ser a causa de praticarmos o mal, e o vosso reto juízo o motivo de o sofrermos". E prossegue, de dentro indo um busca de uma causa externa ao mal: "Donde me veio, então, o querer eu o mal e não querer o bem?", "Donde, pois, vem o mal?". (AGOSTINHO, 1973, p.131-133). Certamente há um *mal metafísico* no cosmos, mas para se livrar do maniqueísmo que substancializava e corporificava o mal, Agostinho passa a identificar o mal no mundo como partindo da essência decaída do homem, pois é um *mal moral*, que está nas paixões: *"O mal moral tem sua origem (mau uso) no livre-arbítrio da vontade"* (AGOSTINHO, 1995, p.32).

Esta postura agostiniana de que Deus é *Sumum Bonun*, todo Bem, e de que o mal é *privatio boni,* privação-distanciamento-ausência do bem no homem, não como substância em si como afirmavam os maniqueus, mas como paixão da alma contaminada pelo pecado original, impõe-se como doutrina teológico-filosófica no Ocidente até o advento da modernidade racional, onde a razão passa a questionar a natureza do Ser de Deus. "Pois ao procurardes o mal num ato exterior visível, caíste em impasse. (...) Com efeito, é claro que em todas as espécies de ações más é a paixão que domina". Portanto, o mal está no fato de a paixão dominar a razão, e este é o mal que atua no mundo. Daí que é pela liberdade que Deus dá e pela ajuda de sua graça que o homem pode e deve agir em ação virtuosa de bem. Mas o *liberum arbitrium* é essencialmente ação para o mal moral da concupiscência, dada a condição humana de queda, por isso a ação de liberdade interior de direção consciente da intenção não pode ser feito sem a ajuda da "iluminação interior" da ação divina (Idem, p.55).

O problema da solução agostiniana, além de dessubstancializar o mal e deixar a

ênfase para a ação moral ascética é não dar nenhum espaço para a questão do o sofrimento injusto do mal, além de ter colocado demasiado peso sobre os ombros do ser humano com a responsabilidade pela retribuição hereditária do pecado original e de deixar o homem dependente da iluminação divina para a vontade de agir bem. Resta ainda a questão da autonomia do ser humano pela razão.

É esta necessidade de ajuda divina para a boa ação que cairá com a ascensão da razão ao status de *razão suficiente* com a filosofia do *cogito* de Descartes e com a supremacia da *ratio* em Kant, por cuja direção age o sujeito autônomo da razão. Na grande teoria do conhecimento que desenvolve na *Crítica da razão Pura*, Immanuel Kant (1999) torna a razão suficiente para todo o saber e o agir humano.

A razão é impelida por um pendor de sua natureza a ultrapassar o uso da experiência e a se aventurar, num uso puro e mediante simples idéias, até os limites extremos de todo o conhecimento, sem encontrar paz antes de atingir a completude de seu círculo num todo sistemático e auto-subsistente (1999, p.474).

E, depois, na sua *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, Kant (1980) estabelece a universalidade do ser humano como centro de toda a ação do homem, através de seu célebre *imperativo categórico* de ação autônoma da livre vontade pela ética do dever-ser, em que é dever do sujeito autônomo agir sempre em favor do outro. Primeiro, o homem como um fim em si: "Ora, digo eu: - o homem, e, duma maneira geral, todo o ser racional, *existe* como fim em si mesmo, *não só como meio* para o uso arbitrário desta ou daquela vontade". Depois, a vontade em conformidade com as leis da razão: "A vontade é concebida como a faculdade de se determinar a si mesmo a agir *em conformidade com a representação de certas leis*. E uma tal faculdade só se pode encontrar em seres racionais". Enfim, o imperativo: "Age de tal maneira que uses a humanidade, tanto na tua pessoa como na pessoa de qualquer outro, sempre e simultaneamente como fim e nunca simplesmente como meio" (1980, p.134).

Esta centralidade de Kant, tanto na liberdade de ação do sujeito autônomo, como na ação deste em relação ao outro, torna-se a essência de uma antropologia do cuidado na ciência Ocidental, ou seja, o cuidado de si junto com o cuidado do outro. O que se constitui, também, numa ontologia do cuidado.

Falar de liberdade e responsabilidade na conduta humana, dentro de todo o contexto ético atual de permissividade, individualismo, globalidade, relativismo,

destrutividade e tecnicismo do mundo de hoje é um grande desafio. A questão da liberdade é por si só um dos grandes temas da reflexão filosófica e teológica de todos os tempos. Vinculá-la à responsabilidade é já evocar um senso de juízo de conduta que oriente, eduque e edifique a vida sob a moldura do quadro da ética (ou moral), que rege a vida em sociedade, onde se exercem os vários papéis da vida em comum e se constitui o sujeito da modernidade.

## 2. A consciência do mal estar e o cuidado do ser

*"Ao querer fazer o bem, encontro a lei de que o mal reside em mim". (Romano 7.21)*

Porque temos a inexorável inclinação para o mal? É ele também um instinto, componente de nossa natureza animal, do qual, na passagem da animalidade para a humanidade, dele tomamos consciência? A consciência do mal é um construto mental que adquirimos essencialmente da cultura social? Porque o bem, seu oponente complementar, precisa de esforço para se realizar? E, também, por que o tamanho esforço da ação de virtude, altruísmo e amor não são suficientes para se impor ao mal? Existe o mal na natureza em si? Por exemplo, uma onda tsunami é retribuição de mal da natureza ao homem destruidor? Uma leoa correndo no seringueti pronta para abater um antílope é representação do mal? Estas são apenas faces que se colocam da questão.

O mal também se representa, obviamente, na natureza humana. O ponto da questão é: que esfera da natureza humana é afetada pelo mal?; qual sua fonte de origem?; e, como se dá a fenomenologia de sua ação? É razoável pensar, de início, que tanto a natureza biológica do corpo (anatomia e fisiologia), como também a natureza psíquica em geral (cognição, consciente e inconsciente), mas principalmente a natureza moral do ser humano é afetada pelo mal.

A inquietação com respeito à origem do mal tem sido milenarmente objeto de preocupação e reflexão de filósofos e teólogos, na busca de melhor compreender seu modo de ser, maneiras de se manifestar e alcance de sua ação. Mas é a face moral da questão do mal e suas implicações o principal ponto de atenção.

As implicações do mal moral dizem respeito à consciência de si e se dirigem a todas os aspectos internos da alma e externos da vida pessoal, como também na necessidade que o sujeito tem de internalizar a idéia de "bem" como definição do que seja a própria "vida", e ainda, afeta todas as relações sociais e formas de ser em

sociedade, tais como a política, a economia e a cultura. É da crescente compreensão que o individuo adquire do que seja *bem e mal* e da *dinâmica mental* de seu jogo de opostos que se confrontam e complementam, dentro do programa natural de desenvolvimento da personalidade humana, a partir das primeiras relações do indivíduo com seu meio ambiente sócio-histórico-cultural, que se forma a consciência moral do mal à medida que a pessoa toma ciência de si e do mundo como sujeito moral.

**2.1. A consciência do mal**

Segundo a tradição bíblica, pelas narrativas do Gênesis, o mal é uma questão de consciência e liberdade e entrou em ação no mundo pela via do homem. No primeiro documento da criação, *Gênesis 1*, numa narrativa organizada de forma artística é a *natureza* total como criação de um Deus como um Ser Pessoal criador e ordenador de todas as coisas a partir do nada (*ex nihilo*) que é avaliada sob a ótica do bem. Neste relato o ponto de ligação entre as áreas de coisas criadas e as etapas sucessivas de criação é a avaliação sob a ótica do bem, pela qual o Criador vê que toda a natureza é boa, pois "Viu que tudo quanto fez era bom" (Gn. 1.10, 12, 18, 21, 25, 31), no sentido de uma conjuntura de perfeição de ordem, beleza e justiça.

O segundo relato, *Gênesis 2-3,* coloca o homem, elemento especial da criação, no centro da natureza e sua ação como advento do mal. O mal é introduzido pela experiência da liberdade, numa dialética entre desejo e norma. O fruto do saber que "era desejável para dar entendimento" estava na "árvore do conhecimento do bem e do mal", ao qual "não deviam" comer. Ao comer, imediatamente "abriu-se lhes os olhos" e viram a si mesmos "que estavam nus" (Gn. 3.1-7). Portanto, a narrativa mítica relata o *nascimento da consciência* no ser humano.

É através da percepção da consciência, que de "abertos os olhos" após comer do "fruto do saber", o homem passa a "distinguir" todas as coisas em categorias, de tal forma que agora "ele é como um de nós, conhecedor do bem e do mal" (Gn. 3.22). Assim, esta tradição mítica nos permite pensar que bem e mal desde o começo do mundo, seja qual for a teoria pela qual se entenda as origens, já estavam presentes na natureza, tal como se verifica nos estudos das ciências naturais. Portanto, a disjunção entre bem e mal é próprio do homem, que também se percebe um ser de intenções.

Finalmente, quando Paulo, perdido em seus esforços pessoais de vencer o mal, exclama "o mal reside em mim" (Rm. 7.21), declara a plenitude da consciência de que o mal é um elemento próprio da natureza humana, condição pela qual o homem torna-se imputável de justiça, seja de justificação ou pena, por seus atos livres e intencionais.

A tradição religiosa é que traz relatos de origem do mal e sua consequente justiça de retribuição que se implica na ordem da vida social. Os gregos, em todas as suas tradições filosóficas, não tinham idéias de origens do mal.

Para Paul Ricoeur (1988), o que torna um caráter enigmático ao mal na tradição judaico-cristã ocidental é que ele está associado a outros conceitos diferentes como o *pecado*, o *sofrimento* e a *morte*. O problema do pecado é essencialmente o de um julgamento do mal cometido frente a uma lei moral tomada como fundamento da verdade absoluta. O ato da vontade livre, em confronto com esta lei moral, torna-se culpa, que uma vez confessada exige a pena. Logo, o pecado como mal moral é o que torna a ação humana objeto de imputação, acusação e repreensão.

Por outro lado, o problema do sofrimento distingue-se do pecado por traços contrários. A imputação evidencia o mal cometido, ao mesmo tempo em que se torna acréscimo de mal sofrido como cumprimento da pena expiatória. O mal sofrido não o pedimos, mas ele nos vem e nos afeta. Há diversas formas de males sofridos no corpo, na mente e no espírito, bem como na indignidade da pessoa e em todas as formas de violência pessoal ou coletiva. Na verdade, frente ao sofrimento do mal, o homem fica entre a repreensão, a lamentação e o luto.

> Somos conduzidos a um grau mais alto, em direção a um único mistério da iniquidade, pelo pressentimento de que pecado, sofrimento e morte exprimem de modo múltiplo a condição humana em sua unidade profunda. (...) Dois indícios pertencentes à experiência do mal apontam em direção a esta unidade profunda. Do lado moral, primeiramente, a incriminação de um agente responsável isola no âmago tenebroso a zona mais clara da experiência da culpabilidade. Por outro lado, o efeito desta estranha experiência de passividade, no cerne mesmo do agir mal, é que o homem se sente vítima ao mesmo tempo em que ele é culpado. (1988, p. 25).

É neste desenvolvimento da consciência moral que se forma aquilo que podemos chamar, juntamente com o filósofo Paul Ricoeur, do funcionamento de uma "estrutura jurídica interna" do sujeito humano (1970, p.82), pelo qual este sujeito *analisa*, *julga* e *age* a si próprio, autojulgando-se, autocondenando-se, autopunindo-se ou

autojustificando-se; e também à natureza externa, *percebendo* com o interesse, *assentindo* com a vontade e *escolhendo* com a liberdade o uso ou abuso das coisas.

Neste processo de criação de *juízo e tribunal internos* é que se dá também o desenvolvimento da *interiorização da culpa*. Por si só a culpa torna-se um tema à parte para reflexão filosófica, teológica e psicológica. Se o mal é, então, um problema exclusivo do humano, interessa tanto à religião, quanto à vida social o desenvolvimento da interioridade como atitude precípua do cuidado para com o ser passível de ser acometido pelo mal, tanto no cuidado de si como no cuidado do outro.

### 2.2. O cuidado do ser

De modo geral, desde a Antiguidade, a filosofia procura abordar a questão da culpa dos pontos de vistas de sua origem a partir da cultura do *ethos* social, sua implicação no processo civilizatório, na admissão de respeito às leis e normas e também na regulação moral das relações sociais.

Para a teologia, a culpa é o problema central. Sem ela, não há religião, nem judaica nem cristã. A culpa é o eixo da religião hebraico-judaica de todo o Antigo Testamento, desde o Gênesis; no cristianismo, desde o Novo Testamento, é o motivo da "infusão da graça" (*gratia infusa*), para remissão dos pecados, através da fé na obra redentora de Cristo.

Jesus, ensinando sobre o cuidado humano em entrega de confiança ao Sumo Bem, no belo modelo universal da *Oração do Pai-nosso* a evocação a Deus que "Não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do Mal" (Mateus, 6.13).[4] Aqui "cair" (*eisenégkes*) significa "levar para", "trazer para dentro", no sentido de "não deixes a força da tentação (*peirasmon*) nos arrastar para dentro dela"; daí, então, "livra-nos do Mal" (*toû poneroû*), significando "a força maligna que gera o mal", "mal que há no mundo", ou seja, o mal presente no mundo, uma vez que a conjugação está no genitivo.[5]

Como vimos, no mito de criação do casal original a Bíblia narra o confronto do homem entre a possibilidade de liberdade e o poder da vontade, posta em jogo na

[4] Ainda que se perceba na leitura natural do texto a conotação personalista ao *ponerós* como Maligno, agente do mal, traduzimos como "Mal" levando em conta a visão filosófica agostiniana do *mal metafísico* que age no cosmos, mas que somente é percebido pelo humano que age no mundo.

[5] Os termos gregos específicos da análise de Mt 6.13 foram confrontado a partir dos seguintes manuais: ALAND, Kurt, et at, *Greek New Testament*, Stuttgardt/Germany: United Bible Societties, 1983, p.142; RIENECKER, F & ROGERS, C, *Chave Linguística do NT grego*, SP: Vida Nova, 1988, p.14; e TAYLOR, William C., *Dicionário do NT grego*, 6.ed. RJ: JUERP, 1980, p.180.

dimensão da ação e manifesta no humano a "vontade de saber".[6] Mas é justamente por tal escolha do saber que sabe que tem de morrer. Aliás, ficar responsável pela morte no mundo e se *descobrir,* no cumprimento do "castigo", como um ser *morrente*.[7]

Por que sempre há um castigo? O problema de haver um *castigo/condenação* atrelado a toda ação de plena liberdade, como uma esfera aprisionante ao ethos original, que sempre é julgada como transgressão, torna-se agora uma nova questão para a reflexão, pouco desvendada: a *inexorabilidade do mal*. Adão e Prometeu tem em comum a liberdade como *tentação* e o castigo pela *transgressão*. Esquilo (2005) diz: "Ele roubou o fogo – teu tributo, precioso fator das criações do gênio, para transmiti-lo aos mortais! Terá, pois, que expiar este crime perante os deuses, para que aprenda a respeitar a potestade de Júpiter, e a renunciar a seu amor pela Humanidade". (p.25).

O progresso da reflexão filosófica na passagem do Séc. XIX para o XX deixou a descoberto a condição trágica do ser aos cuidados do homem ao próprio homem. Soren Kierkegaard (2011) apresentou a *angústia* como o sentimento que dá caráter de *desamparo* ao espirito e humaniza o homem: "A realidade efetiva do espírito se apresenta sempre como uma figura que tenta sua possibilidade, mas se evade logo que se queira captá-la, e é um nada que se pode angustiar". Assim, "Que a angústia apareça é aquilo ao redor do que tudo gira", pois "O homem é uma síntese do psíquico e do corpóreo"; mas "Porém, uma síntese é inconcebível quando os dois termos não se põem de acordo num terceiro. Este terceiro é o espírito" (p.45, 47).

Assim, sendo a angústia o que fragiliza o homem perante o desafio do viver, Kierkegaard (2001) chama a atenção para o cuidado de não deixar a angústia se tornar em *desespero* e *doença mortal* do humano: "Portanto, nessa última acepção o desespero é a 'doença mortal', esse suplício contraditório, essa enfermidade do eu. Eternamente morrer, morrer sem, todavia, morrer, morrer a morte" (p.23).

Segundo Marcel Conche (2006), se o *desamparo* e o *desespero* são elementos que fragilizam o ser, a racionalidade do homem moderno os agrava com solidão e ausência do sagrado: "A 'luz natural' serve principalmente para acentuar, de todos os lados, as sombras. Resta-lhe, tendo abandonado o sagrado no caminho, assumir sua solidão" (p.71).

[6] *Gn. 3*, insere no contexto da Revelação da Criação a doutrina da Queda, que corresponde ao adquirir consciência de si, do outro e do mundo, tomar ciência do poder de escolha de bem e de mal que é a moral.
[7] Pelo termo *morrente* significamos a consciência da inexorável tendência de todos os seres (*entes*) na natureza à morte desde o nascimento, como condição e estado de queda, de que tem consciência.

O banimento da metafísica, através da luta que continuamente se travou contra o poder da religião, principalmente nos séc. XIX e XX, fez o homem moderno passar da *solidão* ao *niilismo*. Hans Jonas (2006) diz que no mundo da técnica, o homem se tornou um "Prometeu definitivamente desacorrentado", é preciso que ele próprio se imponha uma ética que lhe sirva de cuidado de si e do outro e que o impeça de se transformar em desgraça para si mesmo (p.21).

**Considerações finais**

Assumir-se só e por si como ser no mundo exige o cuidado de si, do outro e da vida no mundo. Portanto, o cuidado do ser existente se torna então preocupação tanto da filosofia como da teologia. O humano é um ser de afetos (*páthe*), e o medo (*metus*) ou angústia é o que caracteriza seu ser como um "estar lançado no mundo", e um "ser de presença". E exatamente por esta realidade de "presença" no mundo se dá a possibilidade do "cuidado" de si e do outro.

O problema é que a ênfase no cuidado de si tende para o egoísmo e o descuido com o outro, principalmente em seu momento de dor e terminalidade, agravando a *vulnerabilidade* do ser. Heidegger (2009), contudo, diz que é esta condição mesma de vulnerabilidade que coloca ao ser humano a possibilidade de *ser para o outro* em solidariedade e amor.

> O que faz os seres humanos serem tão solidários e cuidadores diante da dor e do sofrimento? O termo 'cuidado' é entendido como o próprio ser da existência na sua capacidade de projetar-se a si mesmo e de perder-se. (...) A pessoa humana é o único ser para o qual a vida é uma tarefa enquanto contínuo exercício da liberdade. Sua existência é eternamente inacabada (2009, p.187).

É neste contexto de vulnerabilidade pelo mal que surge a ênfase no cuidado: além do necessário cuidado ético-espiritual de si, cuidados paliativos com aquele que não tem mais cura, cuidado para com a dignidade, em função da plenitude de funcionamento do ser da pessoa humana, cuidados com a humanização da saúde, cuidados com os seres frágeis da natureza, etc.

Assim, percorrido nosso percurso, podemos afirmar que é a consciência do homem que percebe e distingue entre bem e mal, portanto cabe-lhe a responsabilidade pelo cuidado. O mal não precisa ser tomado como um ente substancial em si, e sua

presença na natureza está perfeitamente integrada em sua ordem, harmonia e beleza. Apesar das explicações e soluções ao enigma do mal serem sempre insuficientes, o homem continua como administrador da minoração do mal pela ação do bem. Finalmente é possível e preciso que o homem mantenha a fé num Deus transcendente e absoluto que está acima e além das antinomias e que controla as categorias de bem e de mal com sua soberana boa vontade, assegurando a plena ordem no mundo da vida.

.

**Referenciais**

AGOSTINHO. *Confissões.* Os Pensadores. SP: Abril Cultural, 1973.

_____. *Do Livre-Arbítrio.* SP: Paulus, 1995.

ALAND, Kurt, *et at*, *Greek New Testament*, Stuttgardt/Germany: United Bible Societties, 1983.

ARENDT, Hannah. *A vida no espírito: o pensar, o querer e o agir.* RJ: Civilização Brasileira, 2010.

Bíblia de Jerusalém. SP: Paulinas, 1980.

Bíblia Sagrada da CNBB. SP: Paulus, 2001.

CONCHE, Marcel. *O Sentido da Filosofia*. SP: Martins Fontes, 2006.

ÉSQUILO. *Prometeu Acorrentado.* SP: Martin Claret, 2005.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo.* 4.ed. RJ: Vozes, 2009.

JONAS, Hans. *O princípio responsabilidade.* RJ: Contraponto, 2006.

KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. Pensadores. SP: Abril Cultural, 1999.

_____. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes.* SP: Abril Cultural, 1980.

KIERKEGAARD, Soren. *O conceito de angústia.* RJ: Vozes, 2011.

_____. *O Desespero Humano*. SP: Martin Claret, 2001.

LORENZ, Konrad. *A agressão: uma história natural do mal*. Lisboa: Moraes, 1979.

MERLEAU-PONTY, M. *A Estrutura do Comportamento.* SP: Martins Fontes, 2006.

_____. *A Natureza*. SP: Martins Fontes, 2006.

Revista Veja. Edição 2442, ano 48, nº 36. SP: Abril, 09/09/2015.

_____. Edição 2055, ano 41, nº 14. SP: Abril, 09/04/2008.

RICOEUR. Paul. *O Mal: um desafio à filosofia e à teologia.* SP: Papirus, 1988.

_____. *Culpa, ética e religião*. Revista Concilium. Ano 6, nº 12. Petrópolis/RJ: Instituto Teológico Franciscano, 1970.

RIENECKER, F & ROGERS, C. *Chave Linguística do NT grego*, SP: Vida Nova, 1988.

TAYLOR, William C. *Dicionário do NT grego,* 6.ed. RJ: JUERP, 1980.

WENHAM, John W. *O enigma do mal.* SP: Vida Nova, 1989.

Recebido: 08/03/2016
*Received*: 03/08/2016

Aprovado: 30/05/2016
*Approved*: 05/30/2016